

“A PEQUENA SEREIA”: IMAGINÁRIO DAS ÁGUAS, GÊNERO E SEXUALIDADES DE CRIANÇAS PEQUENAS

Cláudia Maria Ribeiro¹

O Canto das Sereias

O sentido de uma obra de arte, texto literário, educacional, histórico, uma sinfonia, estão abertos às muitas interpretações e também às possibilidades para entretecer textos e estabelecer relações. No imenso arsenal do inventário antropológico, que possibilita apreender a multiplicidade do mundo, encharcado também pelo imaginário das águas, um símbolo surge com a força das referidas possibilidades: a sereia. No decorrer da história constitui-se em tema para inúmeros textos culturais². Navego então, junto com as sereias, pela simbologia das águas e mergulho em sua estrutura simbólica para fazer imergir e emergir a problematização das expressões – ou não – das sexualidades e das relações de gênero de crianças pequenas.

Para pensar impensados remeto à Foucault (2002, p. 205) que afirma: “a desrazão, ela, foi aquática (...) oceânica: espaço infinito, incerto; figuras moventes, logo apagadas, não deixam atrás delas senão uma esteira delgada e uma espuma; tempestades ou tempo monótono; estradas sem caminho”. Ou seja, ao mergulhar nas representações da sereia, que habita o imaginário das águas, inundarei de razão e desrazão as possibilidades da produtividade das palavras para enunciar, anunciar, denunciar as expressões das sexualidades e de gênero de crianças pequenas.

Por isso o encontro com o impossível³ (LARROSA, 1999, p. 241, 242) para encharcá-lo com o canto das sereias “o canto do abismo que, uma vez ouvido, abriria

¹ Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras. Coordenadora do Grupo de Pesquisa: Relações entre a Filosofia e a Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente. ribeiro@ufla.br. Bolsista da CAPES processo BEX 4038-13-4 para estudos de pós-doutoramento na Universidade do Minho, Braga, Portugal.

² Um filme, um quadro, uma foto, um mapa, um traje, uma peça publicitária ou de artesanato podem ser considerados textos culturais (COSTA, SILVEIRA & SOMMER, 2003, p. 38).

³ Se possível é aquilo que está determinado pelo cálculo de nosso saber e pela eficácia de nosso poder, o impossível é aquilo frente ao qual desfalece todo saber e todo o poder. Somente nos despojando de todo o saber e de todo o poder nos abrimos ao impossível. O impossível é o outro de nosso saber e nosso poder, aquilo que não se pode determinar como o resultado de um cálculo e aquilo que não se pode definir como um ponto de ancoragem de uma ação técnica. O impossível, portanto, é aquilo que exige uma relação constituída segundo uma medida diferente à do saber e à do poder. Dizer que aquele que nasce tem, como ponto de partida, o impossível significa, então, que o nascimento constitui a possibilidade de tudo o que escapa ao possível, ou, dito de outra maneira, do que não está determinado pelo que sabemos ou podemos...

em cada fala uma voragem e convidava fortemente a nela desaparecer” (BLANCHOT, 2005, p. 4). O autor refere-se aqui a Odisséia de Homero. O canto das Sereias encontra-se no livro XII onde Ulisses, alertado pela feiticeira Circe sobre os encantos da Sereia, escapa colocando cera no ouvido de seus companheiros e se amarra no mastro do navio. Blanchot (2005) não considera Ulisses um herói, pois ele não aceita entregar-se às belas criaturas. Age pela astúcia, pelo comedimento, pela razão para não ouvir o canto. Assim, não se doa ao canto que mostraria “as verdadeiras fontes e a verdadeira felicidade do canto” (BLANCHOT, 2005, p. 4). O autor refere-se a literatura e as ousadias de escritores (por quê não escritoras?). Ouvir o canto da Sereia exigiria riscos. Seria esse o risco que muitos adultos se recusam a correr frente às expressões das sexualidades e das relações de gênero da criança pequena? Ter a coragem de escutar o canto da Sereia seria problematizar as verdades naturalizadas e assumir que a criança expressa diferentemente do adulto suas sexualidades e que está imersa em roteiros estanques de gênero? Quais os riscos enfrentar para acolher diferentes maneiras que as crianças inventam para viver seus jogos das sexualidades e as várias formas de viver as masculinidades e as feminilidades?

Falar, portanto, da figura das Sereias é falar de transformação. Na Antiguidade Clássica foi a mulher ave conhecida como Hárpia. Só na época medieval se converteu em mulher peixe. Adorno e Horkheimer, no texto A Dialética do Esclarecimento, dizem que o “episódio das sereias mostra o entrelaçamento do mito e do trabalho racional” (1947, p. 23):

Ulisses conhece apenas duas possibilidades de escapar. Uma é a que ele prescreve aos companheiros. Ele tapa seus ouvidos com cera e obriga-os a remar com todas as forças de seus músculos. Quem quiser vencer a provação não deve prestar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável e só o conseguirá se conseguir não ouvi-lo. Disso a civilização sempre cuidou. Alertas e concentrados, os trabalhadores têm que olhar para a frente e esquecer o que foi posto de lado (Ibidem, p. 18).

Entrelaço o entrelaçar dos autores com gênero e sexualidades da criança pequena. As educadoras e, alguns educadores – atuando na Educação Infantil a grande maioria são mulheres – tentam vencer a provação, a ansiedade, “os cabelos em pé” que se constitui a expressão das crianças. Não “prestam ouvidos ao chamado sedutor” que consiste em tentar entender que a educação para a sexualidade faz parte da vida das crianças e acontece nas relações que se estabelece com elas, mediando as perguntas que

fazem e as possibilidades da percepção do próprio corpo e do corpo de seus pares – meninos e meninas – na descoberta dos prazeres. Por quê o medo de ouvir o chamado sedutor da não repressão? Porque ainda a força das políticas higienistas e eugenistas, que trouxeram modificações profundas na organização da família, nas ideias sobre a criança e na organização das escolas e, por conseguinte, das Instituições de Educação Infantil que ainda fomentam crenças, valores e costumes? O conhecimento médico, em forma de poder médico penetrou na família e passou a comandar o seu convívio, considerado frágil e por isso mesmo necessitando de sua intervenção. Assim, no lugar do pátrio poder, a higienização colocou a mãe, comprometida com a saúde e educação dos filhos e das filhas. O mesmo acontecendo com a escola. Ambas se tornaram responsáveis pelo futuro da criança e também culpadas pelo eventual fracasso na idade adulta. A medicina higienista dava assistência permanente à família e à escola para que as atividades e relações aí presentes não se tornassem geradoras de desajustes. E, muito especialmente, vigiando e punindo a sexualidade da criança e, fundamentalmente cuidando e educando para que meninos se tornassem homens e meninas se tornassem mulheres. Ambos com características muito demarcadas: docilidade e submissão para as meninas; esperteza e agitação para os meninos (RIBEIRO, 1996; CAMARGO e RIBEIRO, 1999; RIBEIRO ANDRADE, 2001).

Escutar um chamado novo, diferente, libertário também está na relação estabelecida por Adorno e Horkheimer quando entrelaçam o Canto das Sereias e o trabalho racional (1947, p. 19-20):

A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas.

Retornando a entrelaçar essas ideias com as (im)possibilidades das expressões das crianças quando o tema é gênero e sexualidade pergunto: por que é tão difícil introduzir esse tema, intencional e sistematicamente, no cotidiano das Instituições de Educação Infantil? Por que as expressões das crianças deixam educadoras e educadores de “cabelo em pé”? (CASTANHEIRA e ALVARENGA, 2012). Por que a educação para a sexualidade é um bicho de sete cabeças? (FURLANI, 2005).

As sereias em tantas escrituras e em tantos lugares...

Hans Christian Andersen (2004) immortalizou a Sereia em seu conto, em 1848, sintetizado a seguir: “A Pequena Sereia” vivia no fundo do mar com o seu pai, o rei dos mares, a avó e 5 irmãs, sendo ela a caçula. Apenas quando atingiam os 15 anos as sereias podiam visitar a superfície do mar. Assim, sucessivamente, a cada ano uma das irmãs subiam à superfície e contavam suas aventuras. A pequena sereia estava curiosíssima para conhecer o mundo dos humanos. Quando chegou a sua vez avistou um príncipe que estava se afogando por causa de um incêndio em seu barco. A pequena sereia salvou-o, levando-o para a areia, em terra firme. Apaixonou-se por ele e procurou a Bruxa do Mar que fez uma poção mágica para transformar a sereia. A poção transformou sua cauda de peixe em pernas. A Bruxa avisou-lhe sobre todas as consequências: perderia a voz, nunca mais poderia voltar ao oceano, sofreria de dores incriveis nos pés e nas pernas. Em contrapartida saberia dançar divinamente. Mas o príncipe não se casou com ela. Suas irmãs procuraram a bruxa para desfazer o feitiço. Isso implicava em matar o príncipe, mas a sereia não teve coragem de fazê-lo. Atira-se ao mar, mas não desaparece como havia previsto a Bruxa – transforma-se em filha do ar!

Esta síntese não faz jus ao texto escrito por Andersen; fica o convite para lê-lo na íntegra. Meu objetivo é apontar os diferentes olhares para um mesmo tema – o das Sereias. Assim, os Estúdios Disney, em 1989, criaram uma versão para o conto de Andersen. A pequena sereia chama-se Ariel – alegre, curiosa, muitos amigos e, com final feliz. Ela salva sim o príncipe e casa-se com ele. Há grandes lutas entre o bem e o mal representado pela bruxa e todas as pessoas que amam Ariel; seu pai, no final do filme faz a magia para devolver-lhe as pernas. Muitas são as possibilidades para as análises inclusive a partir de depoimentos do curador do museu, Ejnar Askgaard, criado para Andersen na cidade Odense, Dinamarca, onde nasceu. Fica a 140 km de Copenhague para onde Andersen foi ainda muito novo atrás do sonho de ser cantor de ópera. Ele diz que a escrita de “A Pequena Sereia” tem a ver com a própria vida do escritor, que seria parte de si mesmo, pois ele queria pertencer a um mundo que não era o seu; queria ser imortal como a sereia e ser amado por alguém. Sua imortalidade está concretizada, dentre outras obras, com “A Pequena Sereia”, não só no museu em

Odense, mas também em Copenhague⁴. Pelo mundo afora a força das Sereias faz-se presente; em Varsóvia a Sereia tem grandes significados⁵.

O número de páginas deste artigo não comporta as múltiplas discussões que poderiam se suceder apenas se fosse feita a análise comparada das duas obras – de Andersen e dos Estúdios Disney. Mas uma fala da bruxa, no filme dos Estúdios Disney, grita mais alto do que todos os outros aspectos: “só as mais quietinhas vão casar”. Ruth Sabath (2004) problematiza essas questões, no texto intitulado Educar para a Sexualidade *Normal* discutindo a “afirmação de que a heterossexualidade é uma condição natural”:

Para atingir tal objetivo, apresento uma breve história do surgimento do conceito de normalidade, visto que é a partir de tal concepção que se estabelece, modernamente, o binarismo normal/anormal. Ocorre que não sendo a heterossexualidade uma condição natural, é necessário que ela seja reiterada constantemente para conservá-la como a sexualidade normativa, e este é o ponto a ser abordado (p. 1)

Para tanto a autora escolheu como *corpus* analítico quatro filmes dos Estúdios Disney, sendo um deles “A Pequena Sereia”. Esse é um aspecto – a heterossexualidade natural – que requer o aprofundamento que o texto de Ruth Sabat, ao navegar pelos Estudos Culturais, nos proporciona.

Remeto, então, a outro ponto. Quando a bruxa faz a negociação com “A Pequena Sereia”, para transformá-la em humana, pede-lhe em troca sua voz e argumenta que não fará falta, pois tem sua aparência, seu belo rosto e diz: “não subestime a importância da linguagem do corpo. O homem abomina tagarelas (...) se zanga, diz adeus (...) sabe

⁴ A Pequena Sereia em Copenhague – Dinamarca é uma estátua próxima ao mar, sobre uma pedra. Foi presente do filho do fundador da Cervejaria Caslberg – Carl Jacobsen – em 1913 e esculpida por Edvard Erichsen. A opção pela sereia foi quando Carol Jacobsen assistiu a peça A Pequena Sereia no Teatro Real e convidou a bailarina Ellen Price para posar nua para a estátua. Ela negou e foi a mulher do escultor que posou para a confecção da estátua – muito visitada até hoje.

⁵ Desde por volta de 1400 o escudo de Varsóvia tem o emblema que foi se transformando até ao que é hoje. Mas o interessante é que, quando nos anos de 1811 a 1915, os ocupantes da Polónia proibiram o uso do escudo de Varsóvia, as pessoas começaram, em massa, a colocar a imagem da sereia em vários espaços da cidade. Assim, hoje, há um incalculável número de imagens nos prédios, em relógios, nas pontes, em vitrais, em luminárias, estátuas em jardins. Os varsovianos têm um grande apreço pela sereia e referem-se a ela no diminutivo: “Sereiazinha”. Existem várias versões para a lenda. Uma delas é que a Sereia nadou desde o mar Báltico e chegou à cidade Velha pelo Rio Vístula. Quando chegou em terra firme, adorou o lugar. Os pescadores encontraram-na, envolta em redes. Quando foram ver o que era, ficaram encantados com a beleza daquele ser: metade mulher e metade peixe. Certo comerciante pensou em ganhar dinheiro mostrando-a em feiras. Prendeu-a e um menino, filho de pescadores, com a ajuda de amigos, libertou-a. Em sinal de gratidão ela prometeu que os ajudaria sempre que precisassem. Desde então a Sereiazinha de Varsóvia, armada com uma espada e um escudo, defende a cidade e seus habitantes.

quem é mais querida, é a garota retraída”. Estas são falas que encharcam as relações de gênero que entretencem cotidianos e continuam subjetivando as crianças. Mas meus questionamentos seguem na direção da fala, da linguagem, da voz, da música – onde reside o poder das Sereias, monstro aquático feminino que fascina e apavora (COHEN, in FURLANI, 2005) que encantam e emergem sob várias representações. O que poderia significar calar a voz? E aqui remeto novamente às expressões da sexualidade e gênero da criança pequena. Larrosa (1999) diz, em relação a infância: “Aí está a vertigem: no como a alteridade da infância nos leva a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder” (185 p.).

Ora, se o canto da sereia também causa vertigem; se é desrazão, pois encarna poderes mágicos anteriores ao primado da razão, do positivismo, do iluminismo, da identidade racional e determinada, do vigiar e punir (FOUCAULT, 2004) a sexualidade da criança pequena é mesmo enigmática. Por quê, na maioria das vezes, o adulto naufraga ao ouvir o (en)canto das crianças? Tapam os ouvidos como Ulisses na obra *Odisseia* de Homero – que tapa os ouvidos com cera e, não só o dele, mas de seus companheiros e pede que amarrem-no no mastro do navio? Outra pergunta: estamos amarradas a quê? O que nos impede de nos encantarmos com as perguntas das crianças, suas falas, suas descobertas da sexualidade?

Quantas perguntas suscitam o Canto das Sereias. Também Kafka, em 1917, escreveu o conto intitulado “O Silêncio das Sereias” – elas silenciam, mesmo sabendo do efeito que causava seu canto. Há inúmeras problematizações para esse conto (OLIVEIRA, 2008; CARDOSO, 2011). Mas meu interesse aqui é focar no silêncio em relação às expressões da sexualidade das crianças e pergunto: quais os efeitos dos silêncios? Penso em alguns: contribuem para tentar decifrar o funcionamento dos poderes para opor-lhes resistências? Têm um potencial revolucionário e, portanto são companheiros das lutas de transformação das estruturas de poder vigentes? É uma prática contestadora? Ferrari e Marques (2011, p. 20) falam dos silêncios e a educação:

Silêncios. Somos obrigados a escrever essa palavra e pronunciarla no plural. São muitos os silêncios que dizem “presente” nas salas de aula, nas discussões teóricas, nas produções acadêmicas e nas nossas pesquisas. Silêncios que ainda não somos capazes de identificar e nomear, fazendo-os existirem. Silêncios que classificamos e construímos discursivamente. Silêncios como algo desejado, exigido, conquistado, imposto, mas que também é algo que incomoda, que serve à resistência, ao confronto.

O convite é para pensar os contextos das Instituições de Educação Infantil em relação as expressões das sexualidades da criança pequena e as contradições dos silêncios e silenciamentos dos corpos, das palavras, da imaginação, das curiosidades.

Considerações finais

A simbologia da água inundou questionamentos: “Na linguagem ocidental, a razão pertenceu por muito tempo à terra firme. Ilha ou continente, ela repele a água com uma obstinação maciça: ela só lhe concede sua areia”. (FOUCAULT, 2002, p. 205). Essa terra firme é invadida por símbolos:

As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser (ELIADE, 2002, p. 8,9).

Especialmente o Canto das Sereias foi potente para suscitar pensamentos considerando diferentes textos culturais – desde a Odisseia de Homero e algumas problematizações do Canto XII feita por alguns autores; o conto de Andersen, as versões para o cinema dos Estúdios Disney. Uma lenda e tantas interpretações. Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 814) dizem que:

Se compararmos a vida a uma viagem, as sereias aparecem como emboscadas oriundas dos desejos e das paixões. Como vêm dos elementos indeterminados do ar (pássaros) ou do mar (peixes), vê-se nelas criações do inconsciente, sonhos fascinantes e aterrorizantes, nos quais se esboçam as pulsões obscuras e primitivas do homem (acrescento da mulher).

Pensemos nas viagens da própria lenda: desde sereias fascinantes e aterrorizantes da Odisseia de Homero, ao conto de Andersen onde não há final feliz e das versões dos Estúdios Disney em que o bem vence o mal e o amor romântico⁶ inunda os filmes. Assim, tentei entrelaçar a esses textos alguns questionamentos sobre as expressões das sexualidades e das relações de gênero da criança pequena para dizer o quanto estes temas estão estreitamente vinculados com as relações de poder inseridas na concepção de poder na qual ideias de posse de poder, de origem de poder, de campo de ação do poder são substituídas pela hipótese de que o poder está disseminado por todas as partes do mundo social, numa trama completa e heterogênea de relações de poder. Nesta trama as resistências ao poder também tomam parte e presentificam-se e devem

⁶ Cf. COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

ser entendidas como aquelas que visam a defesa da liberdade – que pensa, sente, age (FOUCAULT, 2001). Este autor afirma, em outra obra que “A liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida que a liberdade assume” (FOUCAULT, 1994, p. 712).

“A pequena sereia” fez-nos mergulhar em vários textos, entretece-los a outros e navegar por diferentes formas de exercício da liberdade. Há um gigantesco aparato de técnicas e procedimentos desenvolvidos para conhecer, dirigir e controlar a vida das pessoas, seus estilos de existência, suas maneiras de sentir, avaliar, pensar. Mas há os que resistem e a personagem Ariel, dos filmes dos Estúdios Disney, é chamada de “rebelde, insubordinada, cabeça dura”. Outras versões para “A pequena sereia” foram criadas. A versão 2 teve como subtítulo: Regresso ao mar e foi lançada no ano 2000. É a continuação do filme de 1989. Ariel teve uma filha, Melody e esconde-lhe seu passado de sereia. Por entre o bem e o mal, as transformações em sereias e em humanos, entre as amizades, a história se desenrola. A versão 3 tem como subtítulo: História de Ariel, lançada em 2008 e conta a sua história muito tempo antes de seu casamento com o Príncipe Eric. Com a morte da mãe de Ariel, o rei dos mares Tritão, seu pai, proíbe a música em Atlântida e isso já acontecia há 10 anos! A história também se desenrola entre o bem e o mal, a rebeldia e insubordinação da pequena sereia que busca quebrar a lei daquele reino no fundo do mar: “eu não vou permitir música no meu reino”; “música é contra a lei” dizia o rei, pai de Ariel. Muitas perguntas suscitadas pelo filme: A música perturba a razão? Liberta dos “espartilhos” impostos pela sociedade? Cria condições favoráveis para revelar a criatividade? Desperta a atividade imaginativa? Onde está a relação destas perguntas e os questionamentos sobre as expressões das sexualidades e das relações de gênero em crianças pequenas? Maffesoli (1985) dá pistas para ensaiar argumentações:

Frente a um tempo histórico dominado pela produção (...) encontra-se um tempo poético e erótico, um tempo do corpo amoroso, um tempo segundo e oculto, em torno do qual se organiza a perduração da socialidade” (p. 47)

Britzmann (in LOURO, 2007, p. 89) também subsidia essa ideia: “o modelo de educação sexual que tenho em mente está mais próximo da experiência da leitura de livros de ficção e poesia, de ver filmes e do envolvimento em discussões surpreendentes e interessantes”.

Estes argumentos convidam-nos a ensaiar, junto às crianças, a construção de novos modos de estar no mundo!

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Fragmentos Filosóficos, 1947. Fonte: <http://antivalor.vilabol.uol.com.br>. Acesso em 05/08/2013.

ANDERSEN, Hans Cristhian. **A pequena sereia**. In: Contos de Fadas em suas versões originais. Vol. I. Curitiba: Alquimia Editorial. 2004.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRITZMAN, Deborah. **Curiosidade, sexualidade e currículo**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

CARDOSO, Cassiana Lima. **Malone e as sereias: o paradoxo da modernidade**. In: XII Congresso Internacional da ABRALIC – Centro, Centros – Ética, Estética. Curitiba: UFPR. 2011.

CASTANHEIRA, Marina Aparecida Marques e ALVARENGA, Carolina Faria. **“Isso me deixa de cabelo em pé”**: depoimentos de professoras de Educação Infantil sobre gênero e sexualidades. In: Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. ABEH. Salvador (BA). 2012.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Rev. Bras. Educ., Ago 2003, n°.23, p.36-61.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes. 2002

FERRARI, Anderson e MARQUES, Luciana Pacheco (Orgs.) **Silêncios e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Organização e Seleção de textos: Manoel Barros da Motta. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. Coleção Ditos & Escritos I.

_____. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **Dits et écrits**. 4 V. Paris: Gallimard, 1994.

LARROSA, Jorge. **O enigma da infância**: pedagogia profana: danças, piruetas e marcaradas. 2. ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 1999.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli e RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e Infância(s)**. A Educação sexual como tema transversal. São Paulo: Editora Moderna. 1999.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva et al. 12ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 29ª. ed., Petrópolis: Vozes. 2004.

FURLANI, Jimena. **Sexos, Sexualidades e Gêneros** – Monstruosidades no Currículo da Educação Sexual. 2005. (www.ded.ufla.br/gt23).

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio**. Contribuição a uma sociologia da orgia. Tradução: Aluizio Ramos Trinta. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

OLIVEIRA, Luís Inácio. **Do canto e do silêncio das sereias**. Um ensaio à luz da teoria da narração de Walter Benjamin. São Paulo: Educ, 2008.

RIBEIRO, Cláudia. **A Fala da Criança sobre Sexualidade Humana**. O Dito, o Explícito e o Oculto. Campinas: Mercado de Letras. 1996.

RIBEIRO ANDRADE , Cláudia Maria. **O Imaginário das Águas, Eros e A Criança**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, SP. 2001.

Filmes:

A pequena sereia: <http://filmesmaneiro.blogspot.com.br/2013/05/assistir-pequena-sereia-1989-blu-ray.html>

A pequena sereia 2 – Regresso ao Mar: www.filmesonlinegratis.net/assistir-a-pequena-sereia-2-o-retorno-para-o-mar-dublado-online.html

A pequena sereia 3 – História de Ariel: como tudo começou: www.torrentsparadownloads.com/pequena-sereia-3-como-tudo-comeou-dvdrip-dublado